

CLITORECTOMIA/MUTILAÇÃO GENITAL FEMININA:

Quem tem o direito de intervir?

Lucas Weber Borba
Maria Clara Rodrigues
Marianne Domingos
Rafael Mateus Posso

Orientadora: professora e doutora Claudia Guerra¹

Resumo

Neste estudo será abordado um tema recorrente nas pautas da ONU. Trata-se de uma ‘cirurgia’ que é feita nas meninas, sem muita segurança profissional, que tira delas partes do órgão genital com lâminas, com propósito de purificação, e sustentada religiosamente.

Deve sempre ser lembrado que a realidade das pessoas desses lugares são completamente diferentes. E para eles, desde sempre este foi um ato necessário e legal, segundo os termos regentes.

Porém, outro fator que será visto no decorrer deste artigo, é que a MGF (mutilação de genital feminina) é uma prática considerada ilegal, pois ela viola os direitos humanos.

Palavras-chave: mutilação genital, organismos internacionais, direitos humanos

Abstract:

This article will be addressed in a recurring theme in ONU. It is a "surgery" that is done on girls, with the same purpose of purification, and religiously supported.

It must be remembered that the reality of dreams is completely different. And for them, always, it is necessary and legal, according to the regent terms.

The other factor that will be seen in the course of this article is an FGM (female genital mutilation) is an illegal practice as it is in violation of human rights.

Key words: genital mutilation, internacional organization, human rights

¹ Professora e doutora Claudia Guerra, orientadora da disciplina de Antropologia Cultural na qual fomos instruídos a pesquisar o tema Clitorectomia.

Alunos da disciplina Antropologia Cultural, 2º semestre. 2018.

Introdução

Este artigo científico atuará de forma descritiva a respeito do assunto “Clitorectomia”, abordando o tema com base no estudo que já foi feito em pesquisas secundárias, e em outras possíveis pesquisas secundárias que foram feitas no decorrer do projeto.

O objetivo é criar um entendimento maior para o leitor sobre o que são, todas as vertentes, da MFG (Mutilação genital feminina).

A Mutilação Genital Feminina (MGF), também conhecida como “corte dos genitais femininos” ou “circuncisão feminina”, é uma forma de violência baseada no gênero que inclui todos os procedimentos que implicam a remoção parcial ou total da genitália feminina externa, ou outras lesões aos órgãos genitais femininos por razões não médicas. É uma prática tradicional nefasta, originado na África Central na Idade da Pedra, persistindo ainda hoje em países africanos, árabes e asiáticos, expandindo-se pela Europa e América pelo processo de migração.

Serão abordadas as diversas as razões que motivam a persistência da MGF, podendo destacar-se razões sociais, estéticas (o órgão genital é considerado feio e impuro antes da mutilação), religiosas, sexuais (limita o desenvolvimento saudável da sexualidade da mulher) e económicas (as pessoas que executam este ritual auferem rendimentos que garantem o seu sustento).

Reconhece-se, portanto, a mutilação genital feminina como uma prática que viola gravemente os direitos humanos universais, dado a sua prática de ferir a dignidade da pessoa humana, o direito à liberdade, à integridade física, os direitos da criança.

Vários tratados e convenções internacionais trazem em seu bojo medidas de proteção de todo tipo de discriminação da mulher e da criança, com a finalidade extinguir a vulnerabilidade do sexo feminino diante da mutilação genital feminina.

Diante da temática, está será a discussão no decorrer do trabalho como extinguir a prática de corte genital feminino diante de uma cultura tão enraizada e o respeito à diversidade cultural frente a valores preponderantes à proteção universal da mulher declarados em Tratados, Convenções e organismos mundiais que lutam pela eliminação da prática tão nefasta à saúde e, mundialmente, ao ordenamento jurídico.

1. O que é a clitorectomia?

A clitorectomia também chamada de mutilação genital feminina (**MFG**) ou circuncisão feminina, é uma prática bastante comum em alguns países do mundo (veja na página XX) que normalmente é feita com um propósito religiosa, na intenção de purificar a mulher a qual foi circuncidada. No entanto, não é uma prática considerada legalmente existente de acordo com os direitos humanos, pois ela pode trazer muitas dores para o usuário, além de complicações como infecções e, em alguns casos, a morte.

A cirurgia é feita nas mulheres em sua fase de criança. A idade em que a criança se torna apta para realização da ‘cirurgia’ é aos 3 anos de idade, e a recomendação é que seja feita até no máximo os 14 anos.

1.1. Modalidades de práticas

Existem três tipos de cirurgia conhecidas

- **Tipo 1 - Clitoridectomia** - remoção ou semi remoção do clitóris, e, com menos frequência, o prepúcio do clitóris é removido também.
- **Tipo 2 - Excisão** - remoção ou semi remoção do clitóris, além da remoção total/parcial dos pequenos lábios da vagina. A remoção dos grandes lábios aqui, é opcional.
- **Tipo 3 - Infibulação** ou excisão faraônica. Nesse tipo de cirurgia, todas as partes da vagina citadas acima, são removidas. Então, pós cirurgia, as pernas da ‘paciente’ são deixadas estendidas para cima e amarradas por 1 mês e meio para alisar a vulva. Depois o órgão é costurado e são deixados apenas 2 buracos pequenos, um para urinar, e outro para menstruar. Essas costuras são abertas mais tarde pelo marido, que faz um pequeno buraco com um gilete, para poder ter relações com a mulher. Outrora esse mesmo buraco é aumentado para o parto de filhos, o que dificulta o parto, já que é de mais difícil distensão um tecido cicatrizado. Após o parto, normalmente as mães são novamente ‘infibuladas’.

2. Como surgiu?

Este dado é algo que foi um tanto reescrito, porque existiram crenças diferentes a respeito disso.

A primeira crença era de que a clitorectomia havia surgido com práticas islamistas, há 2000 atrás, e o motivo pra essa crença é que hoje em dia, ela é praticada nesse religioso nome.

A segunda crença, no entanto, dizia que isto já vinha sendo praticado há muito mais tempo que imaginávamos, mas sem podermos ter ideia das motivações, pelo Egito antigo, há cerca de 5000 anos atrás. Essa segunda crença deve-se ao fato de que foram feitos estudos em múmias abertas dos períodos, e que, nelas, foram encontradas nas genitais de múmias femininas o que pareciam ser indícios de que a cirurgia também foi realizada nas mulheres daquela época.

2.1. Clitorectomia no Islamismo

A circuncisão feminina é um assunto polemico vinculado ao islã no geral ligado a moralidade e comportamento.

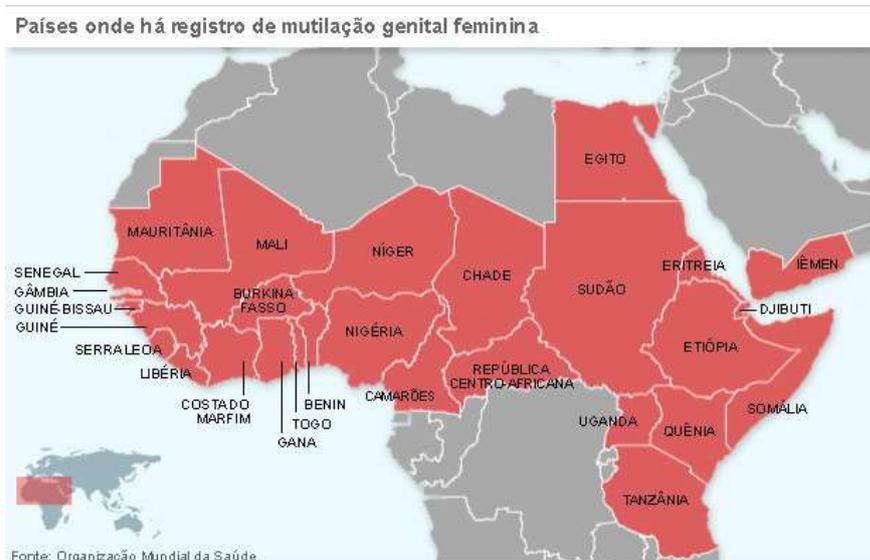
Uma prática baseada em três Hadiths (livros que descrevem costumes na visão de Maomé), no qual faz parte da composição das leis islamicas, nesse descrevem a circuncisão feminina como um ato para garantir a honra masculina, tornar a mulher mais favorável ao marido, em suma através da retirada do prazer sexual não haveria risco da mulher sofrer tentações.

Todavia, é necessário lembrar que a prática não consta no Alcorão²

² Alcorão - livro sagrado que contém o código religioso, moral e político dos muçulmanos ou maometanos

3. Onde acontece?

Imagem 1: Países onde há mais ‘MGF’



Fonte: g1.globo.com

A clitorectomia tem registro de acontecimentos no Oriente médio, África, determinadas regiões do Oriente médio, Ásia, América do Norte, América Latina e Europa.

A maioria dos casos acontece em 3 principais países, que são a Indonésia, Egito e Etiópica, e recentemente uma estimativa numérica de probabilidade indicou que, cerca de 30.000.000 de meninas iam passar pelo procedimento nesses locais, de acordo com um relatório feito pelo Fundo das Nações Unidas para infância (UNICEF).

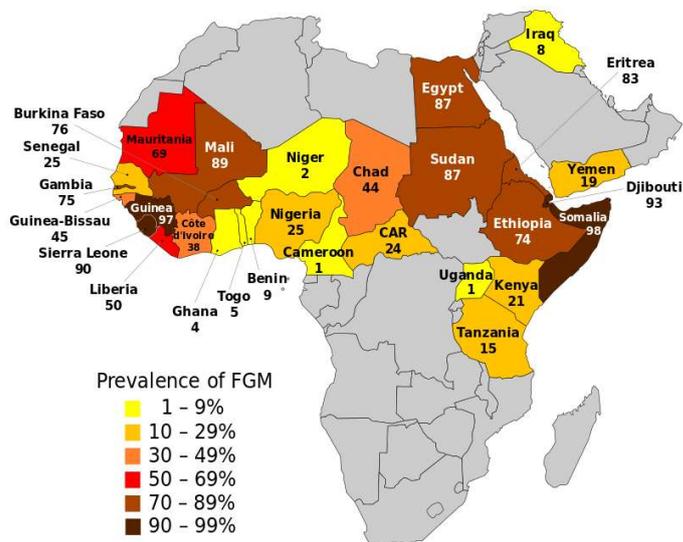
Existem pessoas presentes nessa realidade que possuem divergentes opiniões à respeito da aceitação da mutilação genital feminina. Embora algumas pessoas discordem, elas evitam falar sobre o assunto por conta de regimentos concretos estabelecidos pela tradição em muitos anos.

É necessário saber que já existem locais nos quais a prática da ‘MGF’ está se extinguindo aos poucos, como na Tanzânia, Libéria, Nigéria, Benin, Iraque, Quênia e na República Centro-Africana. Porém, ainda existem muitas meninas à mercê dessa violação dos direitos humanos em alguns países.

Segundo dados do G1 de 22/07/201, Há por volta de 125 milhões de pessoas do gênero feminino que já passaram pela mutilação genital feminina. Esta prática esta

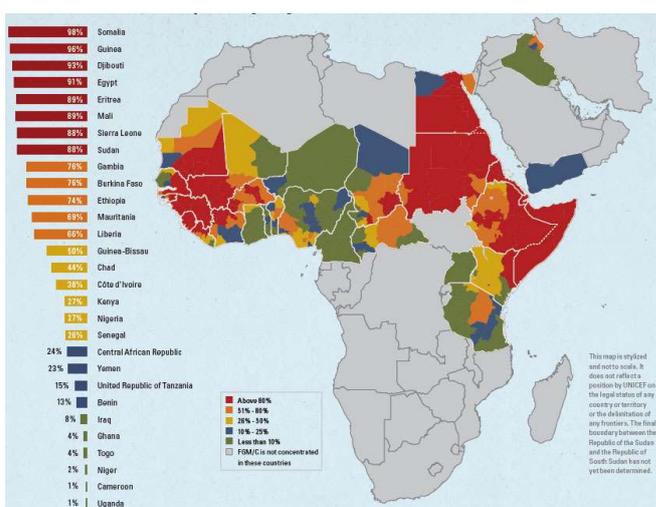
dentro de uma categoria de “procedimentos” que infringem os direitos humanos, uma vez que não tem benefício algum para a saúde da mulher ou menina. Apenas outros resultados encontrados com este, tais como: dores intensas, traumas eternos e infecções que em alguns momentos, ocasionam o óbito.

Imagem 2: Prevalência da Mutilação Genital Feminina



Fonte: ostjen.com

Imagem 3: Frequência nos países



Fonte: ultimosegundo.ig.com.br/

4. Quem realiza a mutilação genital feminina?

O procedimento é geralmente realizado por uma circuncisadora tradicional, nas casas das famílias, com ou sem anestesia. Geralmente quem faz a circuncisão é uma mulher mais velha, Em comunidades onde o barbeiro assume o papel de assistente de saúde, ele também pode executar a Mutilação Genital Feminina.

Para muitos médicos a crescente medicalização da MGF é preocupante pode criar um senso de legitimidade para a prática, dando a impressão de que o procedimento é bom para a saúde, ou pelo menos inofensivo, e contribuir para a sua institucionalização, tornando-a rotineira e até mesmo levando à sua disseminação em grupos culturais que atualmente não a colocam.

Geralmente é feita por pessoas completamente despreparadas, pessoas comuns que não tem nenhum tipo de escolaridade ou conhecimento médico, o que causa uma serie de problemas físicos e psicológicos na mulher que são impossíveis de reverter.

A clitorectomia é feita por avós das crianças, açougueiros, parteiras ou mulheres, mais velhas, que recebem o nome de na sociedade de **Midgaan**³, a escolha de quem irá fazer a operação é da família. Como esse procedimento é feito por pessoas despreparadas os instrumentos que são utilizados não são esterilizados alem de não serem descartáveis.

O procedimento é feito sem anestesia ou anestésico fazendo essa pratica se tornar insuportavelmente doloroso e trazendo a possibilidade de algumas infeccções ou complicações mais severas pós cirurgia.

4.1. Como justificam o procedimento?

As pessoas que defendem a clitorectomia baseiam suas justificativas na cultura e na moralidade, apesar da influencia a religião não parece ser diretamente relacionada a esse costume, pois essa pratica é feita por pessoas de varias religiões, tais elas como:judeus ,cristãos , muçulmanos e animistas.

4.2. O que acontece com quem não realiza o procedimento?

³ Midgaan - tem uma equivalência com a palavra "mulher que corta", e é uma das pessoas responsáveis pela realização da MGF.

Além de a prática ser bastante perigosa para quem acaba fazendo por obrigação, também acaba não saindo de graça para quem decide não fazer.

As consequências para as mulheres que decidem não fazer a clitorectomia ou mutilação genital feminina são inúmeras, pois ao decidir não fazer esse procedimento são consideradas que não são dignas para casar, impuras e muitas vezes são expulsas da comunidade.

Alem dessas consequências também acontece a exclusão social, são tidas como prostitutas, além de serem acusadas de serem contra as crenças religiosas e também de estar indo contra a vontade da família sendo rejeitada e conseqüentemente perdendo os seus direitos. Muitas solteiras que engravidam acabam suicidando por não aguentarem a humilhação e o castigo, algumas se queimam vivas antes que sejam mortas pelos pais ou irmãos, além do mais a criança que é filha de uma mãe solteira sofre conseqüências também, a mesma é tratada com pária⁴, sofre todo tipo de abuso e maus tratos.

Portanto a escolha de não fazer tal prática acontece raramente nas comunidades, porque a vida das mulheres e de seus filhos se torna muito difícil e quase impossível de sobreviver.

4.3. Quem ordena?

Mães, avós e tias, na maioria das vezes, são as responsáveis por introduzir a obrigação à criança, o procedimento que envolve gerações diferentes de mulheres então é feita pela uma obediência pelas mais velhas. Embora façam parte da situação na qual as crianças circuncidadas se incluem, os homens não estão ligados ao processo.

4.4. Materiais usados

O procedimento é realizado com os mais diversificados materiais, desde materiais cirúrgicos específico para esses procedimentos tais como: anestesia, bisturi, agulhas, gases, fios cirúrgicos para sutura e remédios pós-operatórios.

4 Pária - pessoa mantida à margem da sociedade ou excluída do convívio social

Ou então pode ser realizado no oposto dessa realidade da forma mais precária possível e totalmente improvisada visto que é na maioria dos casos, no qual pode ser utilizada qualquer ferramenta cortante, desde uma lâmina, faca ou até pedaço de vidro, para sutura.

São utilizados desde barbantes ou fio artesanais até alguns pedaços de panos para a realização do curativo, que não é feito em todos os casos, nesses casos não há uso de anestésico é muito menos um local apropriado por vezes realizado no próprio chão.

4.5. Onde a prática é realizada?

As pessoas realizadoras deste método não tomam esse critério como de muita relevância, então, fora os lugares em que se paga para ter um bom ambiente pra cirurgia, o lugares torna-se irrelevante e acaba sendo feita em qualquer lugar. Como no chão, em cima de uma pedra, ou dentro de uma bacia⁵ com água.

4.6. E depois que o procedimento é realizado?

Quando as meninas atingem a idade de 15, 16 anos elas são vendidas para homens mais velhos, que na maioria das vezes são trocadas por camelos, esses homens que são os responsáveis pela retirada da costura que é feita na cirurgia e essa retirada é feita sem pudor algum, sendo feita com uma faca ou gilete para que dê abertura para o coito.

O que vemos nos países que essa pratica ainda é feita é uma mentalidade totalmente feudal, alavancada por conceitos de pureza e honra além de ser uma mentalidade machista onde vê a mulher como um ser inferior não podendo sentir prazer ou mandar no seu próprio corpo.

Muitos homens “somalis” que moram em países liberais, mesmo residindo em países liberais em que esse ato não acontece e não é considerado “normal” eles voltam para Somália a procura de mulheres “purificadas”.

⁵ Bacia - recipiente de formato circular, oval etc., fundo chato e bordas altas, para usos associados à água e a outros líquidos.

5. Shattered mirror ou espelho estilhaçado

Não cabe às pessoas que não fazem parte dessas sociedades julgar, porque o olhar de quem não está inserido nessa realidade e concepções é completamente diferente de uma pessoa que já nasceu em um lugar com uma cabeça completamente medieval e antiga e também esquecer que qualquer sociedades pratica atos que são machistas e antigos que não respeitam as mulheres.

No livro ‘‘Espelho Estilhaçado’’ é bem retratado sobre essa visão de que cada cultura e costume se considera como a certa e tem uma passagem que faz refletir mais sobre como olhar para outras culturas; segundo **Shattered Mirror**⁶ - ‘‘Toda fé é falsa, Toda fé é verdadeira: A verdade é o espelho estilhaçado em mil pedaços; enquanto cada um acredita que seu pequeno pedaço é reflexo do todo’’.

6. Quem tem o direito de intervir?

Waris Dirie, mulher somali, é atualmente embaixadora da ONU que vivenciou a experiência de uma menina cujo destino era a submissão à mutilação genital feminina, atualmente combate, por meio de propostas, o tema que é tão recorrente e que lhe fez sofrer por muito tempo.

Waris escreveu um livro no qual contou tudo pelo que passou, e a publicação desse filme fez com que acontecesse também, o lançamento de seu filme/documentário com o mesmo título: ‘‘Flor do deserto’’.

Em 2002, ela criou a fundação flor do deserto, que possui a premissa de ajudar com dinheiro as famílias dos lugares onde a prática é realizada, contanto que, em troca, essa mesma prática não fosse realizada.

⁶ Shattered mirror ou Espelho estilhaçado - metáfora que ilustra a forma como muitas pessoas pensam que possui uma verdade absoluta, e a única correta.

Imagem 4: Waris e a primeira menina que recebeu ajuda da fundação.



Fonte: notícias.r7.com

Mais pra frente, foram acontecendo várias mudanças, como em 2008, 8 milhões de pessoas foram influenciadas a acabar com a realização da mutilação, pessoas essas que estavam espalhadas em 15 países diferentes.

Foram vistos esforços em muitos lugares como na África, que fez com que um número aproximado de 1775 pessoas parassem também com a prática.

Em 2012, as Nações Unidas tomaram uma iniciativa de contra medida à clitorectomia, e pediram que fossem feitos esforços por forças nos estados cuja prática era realizada, para também proibir a mutilação.

6.1. Programa de aceleração da remoção da “MGF”

Joint Programme on Female Genital Mutilation Accelerating Change, é como o movimento é conhecido, e este projeto é organizado pela UNICEF, com o propósito de ser um impulso às mudanças que já acontecem para eliminar a prática que infringe os direitos das meninas e mulheres.

6.2. Mudanças de opiniões nos países

A segunda maior organização muçulmana “Muhamadiyah” se declara contra a realização da “MGF” na indonésia e, além disso, outras muitas cabeças foram mudadas à respeito de ser a favor ou não da prática.

Mas apesar de toda mudança positiva já feita, também no mesmo lugar, a primeira maior organização, Nahdlatul Ulama, permanece se declarando a favor da realização da clitorectomia na indonésia. E além dela, se encontram na mesma posição de crença, o Conselho dos Ulemás, que é a mais alta instância religiosa regente no lugar.

6.3. Clitorectomia é proibida no Egito

No Egito, onde existem condições para que meninas façam clitorectomia com “boas condições” por um preço de 50 libras egípcias, foi relatado a morte de uma menina, e então, foi apelado para que as práticas parassem completamente por lá.

6.4. “MGF” é criminalizada na Somália

Após a morte de uma menina de 10 anos na Somália, os ativistas tomaram atitudes para que a prática, que já vem sendo proibida em muitos lugares, também fosse eliminada completamente da Somália e, além disso, que passasse a ser um crime.

7. Referências

ARAUJO, Marcia. A visão dos direitos humanos universais sobre a mutilação genital feminina. Jus, fevereiro de 2015. Disponível em <https://jus.com.br/artigos/36389/a-visao-dos-direitos-humanos-universais-sobre-a-mutilacao-genital-feminina>. Acesso em 4 de setembro de 2018.

ATENTO, José. Circuncisão Feminina ou Mutilação da Genitália Feminina: prática islâmica -- Você quer isso no Brasil?. 28 de outubro de 2011. Disponível em <http://infielatento.blogspot.com/2011/10/circuncisao-feminina-ou-mutilacao-da.html>. Acesso em 18 de setembro de 2018.

CAMPOS, Amanda. Todos os anos, três milhões de meninas sofrem mutilação genital no mundo. Último segundo, São Paulo, 22 de abril de 2015. Disponível em <https://ultimosegundo.ig.com.br/mundo/2015-04-22/todos-os-anos-tres-milhoes-de-meninas-sofrem-mutilacao-genital-no-mundo.html>. Acesso em 21 de setembro de 2018.

LUZ, Natalia. UNICEF alerta sobre mutilação genital feminina na África e no Oriente Médio. Por dentro da Africa, 23 de julho de 2013. Disponível em <http://www.pordentrodaafrica.com/ciencia/unicef-alerta-sobre-mutilacao-genital-feminina-na-africa-e-oriente-medio>. Acesso em 13 de setembro de 2018.

OGLOBO. Mutilação genital preocupa autoridades na Indonésia. O globo, 27 de março de 2018. Disponível em <https://oglobo.globo.com/sociedade/mutilacao-genital-preocupa-autoridades-na-indonesia-21120663>. Acesso em 19 de setembro de 2018.

ONUBR. Em dia internacional, ONU pede mais esforços pelo fim da mutilação genital feminina. Nações Unidas, 06 de fevereiro de 2017. Disponível em <https://nacoesunidas.org/em-dia-internacional-onu-pede-mais-esforcos-pelo-fim-da-mutilacao-genital-feminina/>. Acesso em 19 de setembro de 2018.

OTAZU, Javier. RETIRADA DO CLITÓRIS É DEFINITIVAMENTE PROIBIDA NO EGITO APÓS MORTE DE MENINA. G1 Globo, 28 de junho de 2007. Disponível em <http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,AA1575163-5602,00-RETIRADA+DO+CLITORIS+E+DEFINITIVAMENTE+PROIBIDA+NO+EGITO+APOS+MORTE+DE+MENI.html>. Acesso em 21 de setembro de 2018.

PRESSE, France. Mutilação genital atinge 125 milhões de mulheres no mundo. diz Unicef, 22 de julho de 2013. Disponível em <http://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2013/07/mutilacao-atinge-125-milhoes-de-mulheres-no-mundo-diz-unicef.html>. Acesso em 19 de setembro de 2018.

REUTERS. Menina de 10 anos morre após sofrer mutilação genital na Somália. O Globo, 20 de julho de 2018. Disponível em <https://oglobo.globo.com/sociedade/menina-de-10-anos-morre-apos-sofrer-mutilacao-genital-na-somalia-22903838>. Acesso em 21 de setembro de 2018.

SANTOS, Marta. "Me vendaram e senti minha carne sendo cortada", diz embaixadora da ONU contra a mutilação genital ao R7. Notícias R7, 02 de março de 2015. Disponível em <https://noticias.r7.com/internacional/me-vendaram-e-senti-minha-carne-sendo-cortada-diz-embaixadora-da-onu-contra-a-mutilacao-genital-ao-r7-02032015>. Acesso em 9 de setembro de 2018.

SANCHEZ, Giovana. 'É impossível descrever a dor', diz modelo sobre circuncisão feminina. Globo g1, 05 de julho de 2017. Disponível em <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2010/07/e-impossivel-descrever-dor-diz-modelo-sobre-circuncisao-feminina.html>. Acesso em 9 de setembro de 2018.

UNICEF. Joint Evaluation of the UNFPA-UNICEF Joint Programme on Female Genital Mutilation/Cutting (FGM/C): Accelerating Change. Unicef, 14 de janeiro de 2014. Disponível em https://www.unicef.org/evaluation/index_FGMC.html. Acesso em 20 de setembro de 2018.

7.1. Referências bibliográficas

Livros

APPIAH, Kwame Anthony. *Cosmopolitanism: ethics in a world of strangers*. New York: Norton & Company, 2007. (tem bib. inglês e, no xerox, em português)

HALL, Stuart. *Identidade Cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. (tem bib.: 316.728H179i) e tem virtual www.angelfine.com/sk/holgonsi/hall1.html e www.scribd.com/doc/28211863/Stuart-Hall0AIdentidade-Cultural

WALLERSTEIN, Immanuel. *O Universalismo Europeu: a retórica do poder*. S.P.: Bomtempo, 2007. (tem bib)

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

ORTIZ, RENATO. *Um Outro Território: Ensaio sobre a mundialização e suas conseqüências sobre a cultura das sociedades*. São Paulo: Ed. Olho D'Água, 1999. (não tem bib., mas pode ver net).

NESTOR, Canclini. *Consumidores e Cidadãos*. R.J.: Ed.UFRJ, 1997. (tem bib.: 316.426216cP)

BAUMAN, Zygmunt. *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*. R.J.: Zahar, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. R.J.: Zahar, 2001.

Filmes: *Flor do deserto*

Documentário: *O veneno está à mesa II, Nação Fast food*

Músicas: *Sob o Mesmo Céu*(Lenine);

Clíp: *Amerika* (Rammstein), *Atitude de Expressão*(terrorismo), *Aldeia*(trabalho escravo).

Vídeo sobre *Internacionalização da Amazônia ou não* (reflexão a partir fala Cristovão Buarque – Programa *Provocações*), *Os Aghoris*(Nat Geo sobre canibalismo).